



A "ESTUPIDEZ COLONIAL" E A MODERNIZAÇÃO CIENTÍFICA PORTUGUESA

António Manuel Hespanha

O *Financial Times* classificou como uma "estupidez colonial" a decisão do governo de usar as suas prerrogativas de acionista privilegiado na PT para impedir a venda da participação desta empresa na operadora de telemóveis brasileira Vivo.

A referência a pretensões coloniais portuguesas sobre o Brasil ("querer manter um campeão no Brasil", diz o *FT*) é um ponto sensível para muitos brasileiros; que, um pouco anacronicamente, ainda mantém ressentimentos e desconfianças quanto à ex-metrópole de há 200 anos. Por isso o jornal britânico toca esta nota, totalmente dissonante no concerto. Não apenas o Brasil é hoje uma potência económica capaz de engolir a PT, com a Vivo no bucho e tudo, como a venda das participações portuguesas não entregariam a operadora brasileira em mãos brasileiras, mas sim em mãos de uma outra ex-potência colonial – em mãos espanholas.

Desde 1815 que a Inglaterra clama contra o colonialismo português no Brasil. No séc. XIX, apenas para se substituir aos portugueses – com muito mais eficácia e efetividade – no domínio da economia brasileira. Hoje, já nem se trata disso; mas apenas do apoio a um princípio com que a Inglaterra sempre se deu bem para explorar situações coloniais e neo-coloniais – o liberalismo económico, nomeadamente nas relações económicas internacionais.

Na verdade, a decisão do governo nada tem a ver com um colonialismo que seria, evidentemente, estúpido, mas com a circunstância de que a PT tem, de facto, um valor estratégico no desenvolvimento português. Aqui, apenas me refiro ao que se refere à investigação e inovação tecnológica.

Ora, neste domínio, a PT foi a empresa que mais investiu em investigação e desenvolvimento, no mercado português, no ano de 2007, segundo dados do Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARI), do MCTES. Em 2005, já ocupava o 5º lugar. E esta vocação já vem de longe. Em boa parte, a fundação da Universidade de Aveiro, nos inícios dos anos 70, deveu-se ao impulso de um centro tecnológico que os CTT – antecessores da PT – tinham nessa cidade. A partir daí, a UA manteve um lugar destacadíssimo no domínio das tecnologias da comunicação e da computação, como viveiro de cientistas e como ninho de empresas. Na nossa própria Faculdade, a PT concordou em financiar uma cátedra na área do direito das telecomunicações, fixando para ela uma verba generosa. Esse projeto só se gorou por mudanças na Administração da PT e, eventualmente, por alguma falta de dinamismo da parte da Faculdade.

Também é sabido que a PT é um dos grandes empregadores de licenciados de alto nível, investindo na sua formação científica e tecnológica ulterior e colocando-os em competitivos cenários internacionais.

Por isso é que o descaso – como dizem os brasileiros – com o destino da PT (que está essencialmente ligado à manutenção do êxito dos seus negócios no estrangeiro, nomeadamente no Brasil) prejudica seriamente o progresso, a inovação e a internacionalização da ciência em Portugal, para além de aniquilar um dos casos modelo da cooperação entre a universidade e a indústria.

Mas, afinal, a bem de quê? Ou de um princípio pragmático de organização do comércio internacional, que já há mais de 200 anos favorece os mais fortes e aniquila os mais fracos, mas que agora é erigido numa espécie de direito fundamental, como se realmente fosse o fundamento do bem estar de todos. Ou do mero desejo de dinheiro fresco e já, mesmo matando a galinha dos ovos de ouro.

Quanto a colonialismos estúpidos. Nós já tivemos algum, de que a Inglaterra, a Alemanha, a França (e outros) bem se aproveitaram. Mas o Reino Unido ainda não perdeu o primeiro lugar na estúpida barbárie colonial. Na Índia do sec. XIX, provocando a morte por inanição – também, curiosamente, para não intervir no mercado internacional dos cereais – de entre 10 e 30 milhões de indianos; ao destruir qualquer perspectiva de paz na região no próximo Oriente, com o recorte territorial interesseiro e transmissão de poderes aos governantes mais retrógrados e corruptos, que levou a cabo depois da Primeira Grande Guerra (v., v.g., Robert D. Kaplan, *The arabists. The romance of an American elite*, NY, The Free Press, 1993); ao fomentar a hostilidade entre hindus e muçulmanos para salvar, de forma mesquinha, o seu domínio no sub-continente indiano e, com isso, ao pôr os ovinhos todos de onde haveriam de surgir os grandes problemas com que hoje se defronta a paz mundial; ao manter, até aos anos '50, um tal domínio sobre o Irão, que até os americanos, seus parceiros na exploração do petróleo iraniano, achavam os ingleses anacrónicos e estupidamente inconvertíveis às novas formas de dominar (v. Stephen Kinzen, *Os homens do Xá*, Lisboa, Tinta da China, 2007).

Uma estupidez das grandes – neste caso, uma estupidez liberal – é ignorar a história e, sobretudo, a história destes “sonoros princípios sem história”, em nome dos quais os pequenos países (mas não os grandes) são privados de todos os meios de defender os seus interesses vitais.

Julho 2010